

O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO DA RÚSSIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI E A GEOPOLÍTICA CLÁSSICA

CC José Achilles Abreu Jorge Teixeira

Ex-aluno do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores em 2008 da Escola de Guerra Naval.

RESUMO

A extinção da União Soviética condenou ao fracasso tudo aquilo que os russos acreditaram durante séculos e gerou um processo de transformação em sua realidade histórica. Essa situação de inferioridade, incompatível com os seus ideais seculares, os levou a buscar mecanismos para reconstruir o grande império. Esses sinais de mudança surgem na metade da década de 1990 e tornam-se realidade com as realizações do governo de Vladimir Putin, no início deste século, e com a firme disposição do presidente Dmitri Medvedev de dar continuidade ao modelo adotado, nos dois mandatos de seu antecessor. Esse interessante pano de fundo estimulou esse estudo de verificar a base de sustentação desse pensamento geopolítico que valoriza o fortalecimento do Estado russo e estimula a ampliação da sua área de influência, principalmente em seu entorno estratégico, a Eurásia. A partir dos conceitos das Teorias Geopolíticas Clássicas de Mahan, Mackinder e Haushofer, e da evolução das escolas do pensamento geopolítico russo, a partir da década de 1990, constata-se que a Rússia está de volta ao jogo internacional e que esse retorno ocorre através de um modelo que retoma o clássico confronto geopolítico do poder marítimo com o poder terrestre.

Palavras-chave: Eurasianismo - Geopolítica Clássica - Geopolítica Russa - Poder Marítimo x Poder Terrestre

ABSTRACT

The USSR fragmentation condemned everything the russians had believed during centuries and has begun a transformation

process of its historical reality. This inferiority feeling, incompatible with their background, has taken them to search new mechanism to rebuild their empire. These changing signs began to be shown in the 90's and have become reality with Vladimir Putin achievements and with the firm disposition of Russian president Dmitri Medvedev to continue to support Putin model. This interesting background was the motto of this research as a way to investigate the Russian geopolitics thinking and the amplification of their influence area specially their strategic environment, Eurasia. From Mahan, Mackinder and Houshofer classical geopolitics theories and from the evolution of Russia geopolitical thinking beginning on 90's we conclude that Russia is still in the international game and this return retakes the classical discussion between a maritime power and terrestrial power.

Keywords: Eurasian – Classical Geopolitics – Russian Geopolitics – Sea Power x Ground Power

INTRODUÇÃO

A Geopolítica é fruto da relação existente entre a política e a geografia, caracterizando-se pela contínua observação e análise das atividades realizadas pelo homem no meio em que vive, tendo um grande desenvolvimento teórico no final do século XIX e início do século XX.

Na história universal, a disputa pelo poder envolve uma competição constante por espaço e terreno, colocando, quase sempre, em situações opostas as potências marítimas e terrestres. Na avaliação de Santos (2004), as Guerras Púnicas, entre Cartago e Roma, representaram esse choque mar-terra, na disputa pela hegemonia do Mediterrâneo. Enquanto Roma adotou uma colonização continental, Cartago utilizou o comércio marítimo como suporte para o seu domínio colonial, tal qual fez, séculos depois, a Grã-Bretanha.

Já na história moderna, de acordo com Santos (2004, p.1), um dos sucessores dos romanos foi o Império Russo, que valorizou os "princípios do autoritarismo, da hierarquia e do comunitarismo",

ao conceber o “Eurasianismo¹”, em oposição ao “Atlantismo²”, que personificava o “individualismo, o liberalismo econômico e a democracia protestante” anglo-saxão.

Baseando suas teses na relevância do poder marítimo e do poder terrestre, as Teorias da Geopolítica evoluíram, a partir do século XIX, a fim de encontrar o caminho que um Estado deveria percorrer para fortalecer o seu poder e buscar a hegemonia mundial. Alfred Thayer Mahan (1840-1914), teórico do poder marítimo, Halford John Mackinder (1861-1947) e Karl Ernst Nikolaus Haushofer (1869-1946), teóricos do poder terrestre, são os seus grandes representantes.

Ao se preocuparem com o poder, essas teorias predominaram nas mentes dos principais estadistas e estrategistas durante grande parte do século XX (MATTOS, in MAFRA, 2006). Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e a bipolaridade do sistema internacional, os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) procuraram manter e conquistar novos espaços de influência, a partir de suas ideologias. Essa corrida pela hegemonia mundial se estende até o fim da Guerra Fria, com a extinção da URSS, em 30 de dezembro de 1991, e a determinação de uma nova ordem mundial³. O meio internacional passa, então, a ser organizado por apenas uma grande potência, os EUA, que procuram dificultar o renascimento da maior representante do antigo bloco, a Rússia.

A dissolução da URSS causou um forte impacto sobre as convicções russas, uma vez que tudo aquilo que acreditavam e que consideravam a única realidade possível, ao longo de séculos, foi condenada ao fracasso e gerou um processo de transformação em sua identidade histórica. Os problemas internos, sufocados pelo

¹ Segundo Santos (2008) é o movimento do final do século XIX que defendia a identidade russa como sendo não européia. Apesar da Rússia estar situada entre os dois continentes – Europa e Ásia – a consideravam um continente em si mesmo, denominado Eurásia. Além disso, entendiam que a cultura russa tinha sido moldada, majoritariamente, por influências vindas da Ásia. O papel ímpar da Rússia era juntar a rica diversidade da Eurásia, consistente com a cultura e as tradições da Ortodoxia e da Rússia.

² Para Dugin (2004) é a cultura marítima representada pelo Reino Unido e pelos Estados Unidos da América.

³ Segundo Teixeira da Silva (2008) caracteriza-se pelo recuo militar dos russos, o avanço da União Européia, a expansão da China popular e a importância econômica de países emergentes como os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

antigo regime, afloraram de forma violenta e constituem-se, hoje, em um dos grandes desafios a serem vencidos.

Na segunda metade da década de 1990, pretendendo voltar a ser reconhecida como uma grande potência e na busca de um reequilíbrio geopolítico, surgem, na Rússia, sinais dos antigos ideais do Eurasianismo (GASPAR, 2004). Essas idéias tornaram-se realidade, desde que Vladimir Putin (1952-___) assumiu a presidência da Rússia e “passou a dar forma a essas expressões em seus discursos” (YASMANN, 2001, p. 2, tradução nossa⁴).

Neste sentido, o propósito deste trabalho é verificar se há influência da Geopolítica Clássica no atual pensamento geopolítico da Rússia pós-soviética, uma vez que o Eurasianismo surgiu no final do século XIX, quando temas relacionados ao fortalecimento do Estado e a ampliação da sua área de influência, através do confronto poder marítimo versus poder terrestre e do domínio da Eurásia, eram estudados e discutidos pelos geopolíticos da época.

Para a fundamentação teórica do presente estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, através de técnicas indiretas. Inicialmente, serão descritos os aspectos conceituais da Teoria do Poder Marítimo de Mahan, da Teoria do Poder Terrestre de Mackinder e da Teoria das Pan-regiões de Haushofer. Em seguida, no intuito de compreender a presente realidade geopolítica russa, serão apresentados, de forma sumária, os principais problemas internos desse Estado, assim como, o pensamento geopolítico que predominou nos anos de 1990, a chamada década de transição. Posteriormente, serão identificadas as duas escolas geopolíticas mais representativas, na atualidade, e o modelo geopolítico que vem sendo empregado, desde 2000, que engloba os dois mandatos de Putin e o governo do presidente Dmitri Medvedev (1965-___), empossado em maio de 2008.

AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

Friedrich Ratzel (1844-1904), considerado o grande precursor da Geopolítica, adotou a concepção de Estado como organismo vivo, que vive, prospera, decai e morre. Em sua teoria de geografia

⁴ Texto original em inglês.

política, de 1897, mostra que o futuro político de cada território depende do espaço e, principalmente, da posição geográfica⁵, que “condiciona as relações entre os povos” (RATZEL, in RATTENBACH, 1975, p.16, tradução nossa⁶).

Estudioso da Teoria de Ratzel, Juan Rudolph Kjellen (1864-1922) tinha uma preocupação especial sobre o que deve ser o Estado. Entendendo que o conceito jurídico de Estado não era mais suficiente e que a relação do Estado com o poder não podia mais ser desprezada, Kjellen definiu a geopolítica como a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico, mas também como um ser vivo que cresce, se desenvolve e morre e cujo principal atributo é o poder (RATTENBACH, 1975).

A preocupação da geopolítica clássica está relacionada com o poder do Estado, na determinação de requisitos para que este se fortaleça no cenário internacional. Numa perspectiva hobbesiana⁷, seria o modo de explicar uma situação de permanente conflito.

Dentre os autores clássicos destacam-se o Almirante norte-americano Alfred Thayer Mahan (1840-1914), autor de *The Influence of Sea Power upon History (1660-1783)*, em 1890, o inglês Sir Halford J. Mackinder (1861-1947), que publicou *Geographical Pivot of History*, em 1904, e *Democratic Ideals and Reality*, em 1919, e o General alemão Karl Ernest Nikolaus Haushofer (1869-1946), que segundo Chauprade (2003), foi capaz de integrar as idéias de Ratzel, Kjellen e Mackinder. Mattos (2002, p. 19) observa que até hoje essas obras são consultadas “como guias da política internacional”, sendo referências para assuntos relacionados ao poder marítimo e ao poder terrestre.

Para a análise desses pensadores, deve-se notar que as suas teorias apresentam como característica comum o caráter expansionista e que as suas idéias estão vinculadas ao fortalecimento

⁵ “O espaço é definido por seus caracteres físicos: extensão, forma, contextura, clima, relevo etc e a posição situa o espaço sobre a terra e condiciona as suas relações”. (TOSTA, 1984, p. 8)

⁶ Texto em espanhol.

⁷ Thomas Hobbes (1588-1679), filósofo inglês. Hobbes (2006, p. 97) descreveu, em sua obra *Leviatã* (1651), que no estado de natureza o homem se encontra “naquela condição a que se chama de guerra”. Estando sujeito a esse estado, firma o pacto social e se submete ao poder do Estado. Hobbes considera que os Estados buscam “maximizar o seu poder [...] por não ser possível um pacto que erga um poder soberano que os submeta à sua lei; de modo que o homem escapa da guerra de todos contra todos instituindo a sociedade, mas não consegue escapar da permanente possibilidade de guerra entre os Estados”. (GONÇALVES, in TEIXEIRA DA SILVA, 2004, p. 40).

do poder de seus respectivos Estados, no cenário internacional que vivenciaram à época de seus estudos.

MAHAN E O PODER MARÍTIMO

A Teoria de Mahan aponta três aspectos basilares para o desenvolvimento de um Estado: o econômico, o militar e o geopolítico. O aspecto econômico está fundamentado na produção, na posse de colônias e no comércio. Quanto ao aspecto militar, a história mostra que a supremacia naval foi fundamental para proteção dos interesses nacionais e, no aspecto geopolítico, estabelece seis elementos para o desenvolvimento do poder marítimo: 1) a posição geográfica: possibilidade de controlar pontos estratégicos; 2) a conformação física: possibilidade de possuir bons portos e bases; 3) a extensão do território: capacidade de dispor de portos e matérias-primas para a guerra no mar, ao longo da costa; 4) o tamanho da população: não importando o tamanho absoluto, mas sim aquela disponível para as lides marítimas; 5) o caráter nacional: capacidade de expansão pelo comércio marítimo, amor pelo dinheiro e procura por colônias que se transformem em novos territórios produtivos e lá se estabeleçam grupos nacionais definitivos (as colônias de povoamento) e; 6) o caráter de governo: com políticas de governo voltadas para o mar, capacidade de criar verdadeiros estadistas e, para o autor, governos democráticos tendem a evitar criar grandes gastos com poderes navais quando comparados aos despóticos (ALMEIDA, 2008, informação verbal⁸; MAHAN, 1987).

Segundo Chauprade (2003), Mahan considera o Poder Marítimo indispensável para um Estado se tornar uma potência mundial, conseqüentemente deve preparar um plano de expansão, considerando os aspectos políticos, econômicos e culturais. Essa expansão deve estar fundamentada na acumulação de riquezas e esta depende de um intenso comércio exterior, que somente pode ser mantido por uma marinha mercante desenvolvida. Mahan enfatiza, ainda, que a proteção dessas riquezas é de extrema importância e daí a necessidade de “uma poderosa força naval apoiada por bases, situadas em locais estratégicos, de forma a

⁸ Nota de aula do Curso de Estado-Maior para Oficiais, Escola de Guerra Naval, 31 mar. 2008.

assegurar o comércio pelos mares” (CHAUPRADE, 2003, p. 44, tradução nossa⁹).

Ao elaborar a sua teoria geopolítica, Mahan tinha em mente transformar os EUA numa grande potência marítima e insular: a ilha-continente do hemisfério ocidental. São influências de suas idéias: a conquista de Porto Rico e das Filipinas, em 1898, e o estabelecimento do protetorado em Cuba, fixando o poder marítimo norte-americano no Caribe e no Pacífico; e a abertura do canal do Panamá, em 1914, que favoreceu a política norte-americana do *Big Stick*¹⁰, sobre os países centro-americanos e caribenhos, além de possibilitar a união das frotas do Atlântico e do Pacífico. Mello (1999, p. 16) comenta que essa visão deveria garantir “a hegemonia no continente americano, conter o expansionismo japonês no Extremo Oriente e, a médio prazo, arrebatá-la da Inglaterra a supremacia marítima mundial”.

O pensamento expansionista de Mahan, a partir da organização de um forte poder marítimo, foi implementado com grande sucesso, levando os EUA a uma posição hegemônica, após a Segunda Guerra Mundial. Essa teoria foi contraposta pela de Mackinder que valorizava o poder terrestre.

MACKINDER E O PODER TERRESTRE

Mackinder, considerado o grande teórico da geopolítica¹¹ clássica, visualizou as pretensões expansionistas de alguns Estados e defendeu a idéia de uma interdependência dos acontecimentos físicos, econômicos e militares que se processavam no globo. Construiu, em 1904, uma teoria, a partir de uma apreciação geográfica do mundo, cuja “pedra angular era o papel estratégico atribuído à *pivot area* – região-pivô – na política de poder das grandes potências” (MELLO, 1999, p. 16).

O geógrafo britânico, segundo Vesentini (2005), destaca que das terras emersas do mundo, 58% do total formam um conjunto, abrigando a maior parte do poder da Terra, representado pela África,

⁹ Texto original em francês.

¹⁰ Denominação dada à diplomacia do Presidente Theodore Roosevelt de 1904. Definia que os EUA deveriam ser capazes de policiar toda a América latina.

¹¹ Vesentini (2005) relembra que Mackinder não utilizou o termo “geopolítica”.

Europa e Ásia. A essa região, onde teria ocorrido a maioria das guerras da história, Mackinder chamou de Ilha Mundial e as regiões restantes do globo denominou-as de Ilhas do Exterior. No centro da Ilha Mundial, estaria a região-pivô, que seria o grande núcleo do continente eurasiático (FIG. 1). A região geoestratégica do planeta, cuja posse seria fundamental para a hegemonia mundial, localizada no interior da região-pivô, correspondente à Europa oriental, foi denominada como a *heartland* (FIG. 2). Essa região agrega características importantes: conta com grande parte da maior planície do mundo, favorecendo a mobilidade dos povos e é protegida de incursões marinhas. A exploração dos recursos dessa região possibilitaria, ao Estado que a controlasse, o desenvolvimento de uma vigorosa economia e um diferenciado poder terrestre. Para Mackinder, segundo Mello (1999), esse poder terrestre resistiria às pressões do poder marítimo, que se limitaria às regiões costeiras da Eurásia.

Uma possível união entre Alemanha e Rússia preocupava Mackinder (MACKINDER, in RATTENBACH, 1975), uma vez que juntas poderiam dominar a *heartland* e com isso comprometer o domínio britânico. Para Mello (1999), esse temor de Mackinder foi assimilado por Haushofer, segundo uma perspectiva alemã, ou seja, a aliança com a Rússia era chave para a Alemanha vencer a Grã-Bretanha.

HAUSHOFER E AS PAN-REGIÕES

Haushofer via a necessidade de despertar no povo alemão o sentimento de pertencer a uma comunidade civilizada, o *deutschun*, e considerava a Geopolítica como sendo a “consciência geográfica do Estado”, além de ser um instrumento seguro para recuperar a Alemanha das conseqüências da Primeira Guerra Mundial (MAFRA, 2006, p. 114).

O geopolítico alemão, segundo Tosta (1984), adotou alguns pontos básicos para o seu estudo: 1) a autarquia, representando o ideal de auto-suficiência econômica do Estado, que necessitaria de um amplo espaço com grande quantidade de recursos naturais; 2) o espaço vital (*lebensraum*), baseando-se no conceito de Estado como organismo vivo, estabelecido por Ratzel, que é o direito que

um Estado tem de ampliar o seu espaço para aumentar os seus recursos naturais e humanos; 3) as pan-regiões, zonas continentais que permitiriam a realização do ideal de autarquia; 4) o conceito de poder terrestre versus poder marítimo. Inspirando-se em Mackinder, Haushofer entende que o domínio do mundo por uma potência marítima pode acabar, repentinamente, como consequência de uma redução de poder ou devido à substituição de uma linha de comunicação¹² vital à sua existência; e 5) as fronteiras, que na sua avaliação são temporárias e expressam as condições de poder político, em um momento considerado.

A partir desses pontos, Haushofer, em 1930, concebeu a Teoria das Pan-regiões, baseada no conceito ideológico de pan-idéias, cujo objetivo é reunir diversos Estados, que aglutinam não só as semelhanças geográficas e étnicas, mas também religiosas e raciais, de acordo com Mafra (2006). O mundo estaria dividido em quatro pan-regiões, o que permitiria a realização das autarquias (**FIG. 3**):

a Pan-américa, liderada pelos EUA; a Euráfrica, sob a liderança da Alemanha, auxiliada, se possível pela Grã-Bretanha (anglo-saxões); a Pan-rússia, encabeçada pela União Soviética; e a Pan-ásia ou Esfera de Co-prosperidade da Ásia Oriental Maior, sob a direção do Japão (MAFRA, 2006, p. 116).

Inicialmente, a Teoria das Pan-regiões incluía a URSS na Euráfrica, no entanto, a situação insular da Grã-Bretanha e o vasto território soviético poderiam criar dificuldades para estabelecê-la. Por isso, segundo Tosta (1984, p. 69) foi criada a Pan-Rússia, mesmo essa região apresentando um sério inconveniente de não se estender ao Equador, o que a deixaria “privada de climas necessários à produção agrícola”. Para Chauprade (2003), Haushofer visualizou a irreduzível oposição existente entre as geopolíticas russa e norte-americana, e o seu conceito de pan-idéias esclarece os grandes choques geopolíticos do planeta.

¹² Segundo Almeida (2008), linha de comunicação é um termo geral que designa a linha de movimento que mantém vivas as conexões militares e econômicas entre os Estados. (Nota de aula do Curso de Estado-Maior para Oficiais, Escola de Guerra Naval, em 31 mar. 2008).

Haushofer ao separar a URSS da Eurásia adota os conceitos de Mackinder sobre a Eurásia. “É preciso aprender com o inimigo” (MELLO, 1999, p. 79) era o que dizia o geopolítico alemão, ao referir-se ao geógrafo britânico, procurando minimizar as diferenças com a URSS e salientando a necessidade de uma aliança entre os dois Estados, para dominar a *heartland*, e assim, se opor ao império britânico.

A importância geoestratégica¹³ que Mackinder e Haushofer atribuíram a Eurásia, continua sendo bastante atual. Na avaliação do geopolítico norte-americano Zbigniew Brzezinski (1928-___), “a Eurásia é o grande prêmio geopolítico da América” (BRZEZINSKI, 1997, p. 30, tradução nossa¹⁴). Numa visão pós-soviética, Alexander Dugin¹⁵ (1962-___) (2000, citado por MARCU, 2007), geopolítico russo, argumenta que se a Eurásia é o centro do mundo então a Rússia é o centro da Eurásia. A partir dessa visão pós-soviética de Dugin, percebe-se que a desintegração da URSS, além de originar um vácuo de poder e diversos tipos de conflitos na Eurásia, também, inspirou novos pensamentos geopolíticos na Rússia.

O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO DA RÚSSIA PÓS-SOVIÉTICA

A IMPORTÂNCIA GEOPOLÍTICA DOS VIZINHOS PARA A RÚSSIA

Entender o pensamento geopolítico russo, após uma grande ruptura, tal qual ocorreu com a URSS, exige a adoção de uma perspectiva distinta, uma vez que a Rússia sempre foi um ator importante e diferenciado do sistema internacional, principalmente, por seu conhecido espaço de influência que sofreu um duro golpe, tanto geográfico quanto político, e como consequência,

as prioridades da política externa russa são os problemas internos da política soviética, a

¹³ Tosta (1984), ao comentar os estudos de Spykman, Weigert, Strusz-Hupé, assinala que a geoestratégia trata da formulação de diretrizes de uma Política de Segurança Nacional, fundamentada nos fatores geográficos do país.

¹⁴ Texto original em inglês.

¹⁵ DUGIN, Alexander. *The Essentials of Geopolitics*. Moscou: Artogheia Tentr, 2000.

começar pelas relações com os outros membros da Comunidade de Estados Independentes, classificados pela diplomacia oficial como o estrangeiro próximo (GASPAR, 2004, p. 4, tradução nossa¹⁶).

A formação da Comunidade de Estados Independentes (CEI) buscou uma coordenação política, econômica e militar, visando garantir os princípios de independência e integridade territorial para si e para os Estados que a compõem. Mikhail Gorbachev¹⁷(1931-____) planejou os contornos dessa nova União, composta por Estados nacionais, uma entidade política, resultado de uma história comum, com interesses econômicos e de segurança semelhantes. Gorbachev, porém demonstrou preocupação quanto ao primeiro princípio:

[...] a conquista da independência não pode ser pretexto para uma ruptura caótica de laços históricos, mas uma nova base para a criação de uma União estável de Estados realmente soberanos e independentes. A Rússia tem um papel de responsabilidade e particularmente grandioso a desempenhar (GORBACHEV, 1991, p. 74).

No entanto, segundo Teixeira da Silva (2008, informação verbal¹⁸), os países bálticos resgataram as suas identidades nacionais e se orientaram francamente para a Europa, ignorando a CEI, que na atualidade, apresenta muitos problemas de integração: embora o Belarus apresente afinidades com a Rússia, Moldávia e a Ucrânia procuram se integrar à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a União Européia (UE); as repúblicas do Cáucaso, não-islâmicas, Geórgia e Armênia, esforçam-se para buscar relações econômicas com os mercados ocidentais e se orientam para a esfera de influência norte-americana; e Casaquistão, Usbequistão,

¹⁶ Texto original em português (Portugal).

¹⁷ Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) de 1985 a 1991.

¹⁸ Nota de aula do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores, Escola de Guerra Naval, em 03 abr. 2008.

Tajiquistão, Turcomenistão, Azerbaijão e Quirguistão, que constituem o chamado cinturão islâmico da Ásia Central, estão redirecionando as suas identidades para a civilização islâmica, mas preferem a proteção russa.

Apesar da sua vizinhança ser formada por Estados de diversas origens culturais, com grandes diferenças sociais e regionais, interesses estratégicos conflitantes, realidades econômicas desequilibradas, recheada de conflitos étnicos e sistemas políticos divergentes, a Rússia tem 145 milhões de habitantes, sendo que 20% não são de etnia russa, e mais de 20 milhões são muçulmanos. Somam-se a isso dois componentes, o econômico e o estratégico, muito importantes: o país e a região são riquíssimos em gás e petróleo, e são fronteiriços à China, ao Irã, ao Afeganistão e ao Paquistão. Portanto, por si só, a Rússia é um grande problema geopolítico e, embora tenha concentrado sua atenção sobre todos os vizinhos próximos¹⁹, de acordo com Marcu (2007), vem encontrando uma forte competição com a superpotência norte-americana, que através da OTAN, está presente na Europa, e mediante suas bases militares, também está na Ásia Central.

Marcu (2007) exemplifica a importância geopolítica dessa região ao mencionar que, após o desaparecimento do império soviético e do vácuo político que se seguiu, apareceram quatro tipos de conflitos geopolíticos: conflitos étnicos, principalmente no Cáucaso; conflitos pelo controle dos recursos energéticos e econômicos, no Mar Negro e no Mar Cáspio, com intervenção norte-americana; conflitos de violação dos direitos humanos, na maioria das ex-repúblicas soviéticas, com repressão ao pluralismo político e religioso, além de ações terroristas na Ásia Central e no Cáucaso; e conflitos por problemas de fronteiras com a presença de imigrantes ilegais e traficantes de drogas e armas.

Como conseqüência desse novo panorama e analisando os problemas russos, verifica-se que os fatores impulsionadores do renascimento do atual pensamento geopolítico russo passam pela redefinição da identidade nacional, que é extremamente dependente

¹⁹ Segundo Marcu (2007), são as antigas repúblicas soviéticas.

da descoberta de princípios e valores comuns, para uma região de grande diversidade cultural e étnica. Para abordar o atual modelo geopolítico é necessário observar o pensamento dominante, que permeou os anos de 1990, após o fim da URSS, considerados por Gaspar (2004), como os anos de transição.

AS ESCOLAS GEOPOLÍTICAS RUSSAS NOS ANOS DE TRANSIÇÃO

Depois da dissolução da URSS, os russos perceberam a necessidade de não perder a sua esfera de influência sobre os seus vizinhos eurásianos e de buscar retomar junto ao mundo ocidental, apesar de seus graves problemas estruturais, o reconhecimento de Estado atuante e ainda capaz de influenciar nesse novo sistema internacional. Como alcançar essas metas? Que caminho seguir? Foram questionamentos que orientaram as diversas escolas do pensamento geopolítico russo da última década do século XX.

A ESCOLA INTERNACIONALISTA-IDEALISTA

Nesse período, predominou a idéia de que a cooperação internacional era a única maneira possível de garantir a segurança nacional. Segundo Marcu (2007), os idealistas acreditavam que os perigos estavam no interior do país. Consideravam a Rússia, em face de sua posição geopolítica, sua população, recursos econômicos e arsenal nuclear, uma grande potência, apesar das dificuldades herdadas do sistema comunista.

Esse conceito internacionalista e idealista estava associado ao novo pensamento de Gorbachev (1991), que pregava o determinismo econômico e a universalidade dos valores democráticos. Boris Yeltsin (1931-2007), primeiro presidente da Rússia, que governou de 1991 a 1999, baseou suas ações nesse conceito e considerava fundamental que o Estado se voltasse para a Europa. A sua preocupação era como aplicar os valores ocidentais ao modelo russo, de modo a colher os frutos o mais rapidamente possível. Gaspar (2004) avalia que as políticas externas assumem uma linha de integração e dependência em relação aos EUA e à Europa Ocidental, que se traduz na vontade expressa de adesão à OTAN e ao conjunto das instituições de aliança das democracias.

A ESCOLA REALISTA

O realismo russo apresentava grande influência do pensamento pré-soviético e apregoava importância do poder como instrumento de controle e dominação dos conflitos, em detrimento da cooperação internacional. Opondo-se ao pensamento de Gorbachev, os realistas defendiam a centralização dos investimentos a fim de aumentar as referidas capacidades e equilibrar a balança do poder internacional (MARCU, 2007).

Essa corrente de pensamento, formada por segmentos da burocracia e representantes do partido comunista, percebia o ambiente externo hostil aos interesses russos e que a dissolução da URSS foi consequência de ações premeditadas e bem planejadas pelo mundo ocidental. Barburin²⁰ (1993, citado por Marcu, 2007) defendia a criação de uma nova união com as repúblicas independentes, pois consideravam que os EUA não desejavam coexistir com o gigante eurasiático russo, uma vez que, desde o colapso da URSS, a potência norte-americana buscava cativar as ex-repúblicas soviéticas.

Quanto às fronteiras russas, os realistas se preocupavam com as do sul e do leste. A China, por seu crescimento econômico, potencial demográfico e arsenal nuclear, e o Irã, por seus recursos materiais, eram vistos como potenciais ameaças a longo prazo. Portanto, uma aliança com a China e uma cooperação com Irã seria um mal menor para a estratégia russa do que a dominação ocidental. Com relação à Índia, maior importador de armamento russo, os realistas tinham-na com um parceiro estratégico na região, já que a Rússia a apoiava na construção de uma moderna esquadra no Oceano Índico, em contraposição à dominação norte-americana (MARCU, 2007).

A ESCOLA EXPANSIONISTA REVOLUCIONÁRIA

A escola do expansionismo revolucionário se situava na extrema direita do cenário político russo e considerava que a expansão externa

²⁰ BARBURIN, Sergei. Los intereses de Rússia a comienzos del siglo XXI. En *Nas Sovremenik*, nº 2, p. 173-176, feb. 1995.

era o melhor caminho para garantir a segurança da Rússia. Inspiraram-se nas teorias geopolíticas de Mackinder, Mahan e Haushofer, segundo Marcu (2007), e defendiam que como potência continental poderiam aliar-se à Alemanha e à França para se contrapor aos EUA e à Inglaterra, considerados os inimigos naturais.

Na visão expansionista, o sistema mundial permaneceria sendo bipolar, onde se confrontariam dois rivais geopolíticos: o Atlantismo e o Eurasianismo. Como consequência, promoviam o conceito de império em permanente ampliação, sendo que a Rússia deveria reorganizar o território eurasiático e conquistar espaços além da CEI, para obter a sua própria segurança.

Enquanto a escola idealista percebia o sistema internacional, segundo uma ótica kantiana²¹, sendo vital para a Rússia a cooperação com o Ocidente, os realistas e os expansionistas revolucionários entendiam o mundo segundo Thomas Hobbes, anárquico e competitivo.

As correntes realista e expansionista, dos anos 1990, além da observação do contexto mundial, apresentam outros pontos em comum, fundamentam-se nas teorias geopolíticas de Mackinder e Haushofer, e na relação espaço-poder. Consideram a Rússia detentora de uma posição geopolítica ímpar e que por isso deve ser defendida. A restauração do antigo espaço é fundamental e a noção de civilização eurasiática é um componente decisivo nesse intento.

A partir dessas duas últimas correntes geopolíticas surge uma nostalgia imperial e um ressentimento anti-ocidental, com a emergência de uma linha restauracionista e de um neo-eurasianismo na política externa russa (GASPAR, 2004).

AS ATUAIS ESCOLAS DO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO

As atuais escolas geopolíticas, segundo Santos (2004), distinguem-se em duas grandes opções: os internacionalistas liberais ou ocidentalizadores (*zapadniki*) e os eurasiáticos ou expansionistas. Apesar de terem diferentes linhas de pensamento, na avaliação de

²¹ Immanuel Kant (1724-1804) filósofo alemão. Para Bobbio (2000, p. 526), Kant defende que a paz perpétua somente "poderá ser realizada quando também os Estados tiverem saído do estado de natureza nas suas relações, tal como dele saíram os indivíduos. Para alcançar o objetivo, devem estipular um pacto que os una numa confederação permanente (*foedus perpetuum*)".

Marcu (2007), ambas levam em consideração os quatro tipos de conflitos geopolíticos da era pós-soviética, mencionados anteriormente, que são cruciais para a política eurasiática russa e que condicionam as suas opções estratégicas.

Após suplantar a grande crise dos anos de transição, a Rússia procura retomar uma posição de destaque no cenário político-estratégico mundial, buscando reagir à ofensiva estratégica do Ocidente na Eurásia, representada, por exemplo, pela “distribuição geopolítica das novas bases norte-americanas”, ocorridas nos anos 1990, que correspondem a um “novo cordão sanitário²²” (FIORI, 2007, p. 89). Desde dezembro de 1999, quando Vladimir Putin assumiu a presidência, “a política externa de Moscou alterou o seu rumo. A sua nova aproximação baseia-se no Eurasianismo, uma obscura e velha moldura ideológica que emergiu agora como uma força majoritária na política russa” (SANTOS, 2004, p. 1, tradução nossa²³). Na avaliação de Glover (1999), os neo-eurasianistas transformaram as contradições entre os ultraconservadores e os comunistas em um amplo projeto civilizacionista, unindo os ideais nacionais com as tradições populares e o cristianismo ortodoxo russo, buscando um retorno ao comunismo.

A ESCOLA OCIDENTALISTA

Essa escola, representada por Dmitri Trenin, apresenta que o papel histórico central da Rússia no espaço eurasiático deixou de existir. A identidade russa está a meio caminho dos imperativos da globalização e das aspirações nostálgicas de domínio da Eurásia.

Segundo Trenin²⁴ (2001, citado por Marcu, 2007), a Rússia precisa entender essa dura realidade e reconhecer o papel predominante dos EUA na Eurásia, se deseja ter um futuro. Deve ajustar a sua política interna e, principalmente a externa, para solucionar os graves problemas étnicos, econômicos, políticos e territoriais, e desenvolver uma identidade puramente europeia.

²² Expressão utilizada para denominar a cadeia de Estados-tampões que se estabeleceu, após o Tratado de Versalhes, de 1919, para separar a União Soviética da Alemanha.

²³ Texto original em português (Portugal).

²⁴ TRENIN, Dmitri. *The End of Eurasia: Russia on the boarder between geopolitics and globalization*. Moscow: Carnegie Endowment for International Peace, 2001.

A adoção de medidas específicas, para cada uma de suas regiões geopolíticas, é fundamental, de acordo com Trenin (2006): no sul, a participação no processo de estabilização da Chechênia, através de um amplo programa de desenvolvimento econômico, além de aceitar a presença político do Daguestão; na Ásia Central a prioridade não é a estabilidade política e sim a segurança militar da Rússia, deve-se estabelecer um perímetro de segurança, em face das ameaças islâmicas que se originam no Afeganistão; e na Rússia oriental, deve-se modernizar a exploração dos recursos energéticos da região.

Ao concordar com o poderio dos EUA na Eurásia, Trenin se alinha ao pensamento de Zbigniew Brzezinski, que após o colapso soviético, considera os EUA a única potência global, inclusive na Eurásia. O geopolítico norte-americano, numa perspectiva mackinderiana, considera a Eurásia a chave geopolítica do poder e entende que os EUA devem “manobrar com os principais atores geoestratégicos da Eurásia (França, Alemanha, Rússia, China e Índia) fazendo com que a sua superioridade global tenha longevidade e estabilidade”. (BRZEZINSKI, 1997, p. 194, tradução nossa²⁵).

A posição da escola pró-ocidental contém fundamentos da escola internacionalista-idealista, praticada por Boris Yeltsin, sendo, portanto, uma resposta liberal ao pensamento dos dois últimos governos russos: Vladimir Putin, de 2000 a abril de 2008, e do atual presidente Dmitri Medvedev. Ao admitir o domínio dos EUA na Eurásia, a corrente ocidentalista entende que a Rússia não tem como competir com a potência norte-americana e valoriza as idéias de Mackinder quanto à importância estratégica da região.

A ESCOLA EXPANSIONISTA

Alexander Dugin é o principal defensor do expansionismo da Rússia pós-soviética, assim como, Zbigniew Brzezinski, acredita que o centro do mundo é a Eurásia e por isso, a Rússia tem que ser o centro da Eurásia. Sua obra retoma o conceito geopolítico clássico de Halford Mackinder, a teoria da *heartland*, ou seja, quem controlar o coração da Eurásia, controlará o mundo. Na sua opinião, esse é

²⁵ Texto original em inglês.

o momento da Rússia lutar pelo poder na região com os EUA, uma vez que com a sua posição geográfica e seus recursos naturais, é capaz de garantir aos povos e aos Estados vizinhos a soberania e a verdadeira segurança da região.

Dugin (2004, p. 2, tradução nossa²⁶) apresenta o conceito filosófico de Eurasianismo do século XXI ou Neo-eurasianismo como sendo uma “alternativa à globalização”. Para o pensador russo, os Estados-nação²⁷ estão sendo transformados em Estados-globais, “um sistema governamental planetário com um único sistema econômico-administrativo”, e é um erro acreditar que todos os Estados, com classes sociais distintas e modelos econômicos próprios, repentinamente cooperarão com esse sistema. Na sua avaliação, a globalização pretende universalizar o pensamento ocidental, é a “unificação de diferentes estruturas sociais, políticas, econômicas, étnicas, religiosas e nacionais em um só sistema. É a imposição do paradigma Atlântico”.

O modelo bipolar transformou-se num modelo centro-periferia (centro – norte rico, Ocidente, periferia – sul), segundo Dugin (2004). O Neo-eurasianismo rejeita esse sistema e o universalismo do Atlantismo, protegendo, segundo o pensador russo, a diversidade de valores estruturais existentes no mundo. Sugere um planeta multipolar, com áreas autônomas, que não são os Estados-nação, mas uma coalizão de Estados, reorganizados em federações continentais, ou como menciona Dugin (2004, p. 3, tradução nossa²⁸), “impérios democráticos, com grande entrosamento entre seu governantes”. O pensamento neo-eurasiano não visualiza o sistema de governo com base nos valores liberais e democráticos como sendo o único caminho para a humanidade. O geopolítico russo enfatiza que o Eurasianismo do século XXI é uma nova plataforma para o entendimento e cooperação de grandes conglomerados de diferentes poderes: Estados, nações, culturas e religiões que rejeitam a versão Atlântica de globalização.

Dugin (citado por Marcu, 2007) está convencido de que, no futuro, o sistema mundial voltará a ter uma competição entre os

²⁶ Texto original em inglês.

²⁷ Bobbitt (2003) define Estado-nação como ordem constitucional dominante no século XX, com vínculo axiomático com determinado povo e que se apresenta como benfeitor deste.

²⁸ Texto original em inglês.

Estados continentais e os Estados marítimos, chamados, respectivamente, pelo autor russo, de Estados eurasiáticos e Estados atlânticos. Dugin (2004) considera o bloco formado pelos EUA e a Europa Ocidental uma ameaça, cujo objetivo é a integração da Europa, do Atlântico até os Urais, podendo chegar a Vladivostok. O Neo-eurasianismo é um projeto estratégico, geopolítico e de integração econômica do norte do continente eurasiático (DUGIN, 2004).

Esse projeto eurasiático presume o planeta dividido em quatro cinturões geográficos ou zonas meridionais, de norte a sul, a zona Anglo-Americana, a zona Euro-Africana, a zona Rússia-Ásia Central e a zona do Pacífico (**FIG. 4**). A zona Atlântica é contrabalançada pelas outras três zonas, que são equilibradas entre si. Esses cinturões são chamados por Dugin (2004, p. 5, tradução nossa²⁹) de “grandes espaços ou impérios democráticos” e correspondem “às fronteiras das civilizações, incluindo vários Estados-nação ou uniões de Estados”, que formarão um mundo multipolar com quatro pólos.

Segundo Dugin (2004), o modelo estruturado em zonas meridionais é aceito pela maioria dos geopolíticos norte-americanos, no entanto, a diferença é que a zona meridional Rússia-Ásia Central seria fracionada, portanto, teríamos três zonas: a Americana, considerada por Dugin, como o único pólo; a Euro-Africana (incluindo a Rússia), numa zona adjacente, bem próxima; e a região do Pacífico (incluindo a Ásia Central), numa periferia mais afastada (**FIG. 5**). Para Dugin (2004) a criação da quarta zona meridional (Rússia-Ásia Central) permite a multipolaridade, o balanço de poder e a independência entre as demais zonas meridionais.

A Rússia pós-soviética, para dominar o vasto espaço da zona meridional Rússia - Ásia Central, necessita, segundo Dugin (citado por Marcu, 2007), no âmbito interno, criar um Estado com várias etnias e religiões e no plano externo promover alianças, com a elaboração de três projetos especiais: pan-europeu com a Alemanha, pan-árabe com o Irã e pan-asiático com o Japão. A China é um adversário e um competidor na Eurásia.

Com a necessidade da integração continental, a Rússia deveria estabelecer uma nova geopolítica no sul da Eurásia, de forma que a

²⁹ Texto original em inglês.

Índia, a Indochina e os Estados islâmicos passariam a ser, segundo Marcu (2007, p. 13, tradução nossa³⁰), um “teatro de manobras continentais de posição”, com a finalidade de convergir os objetivos estratégicos dessa região ao centro eurasiático representado por Moscou. Dugin (2004) desenvolve essa idéia a partir do conceito de vetores abertos que se originam em Moscou, passam pelos vizinhos próximos, chamados de “atuais”, e que chegam aos Estados europeus, asiáticos e islâmicos, denominados “potenciais”. Suas características estratégicas estão relacionadas às diferentes ações que devem ser tomadas respeitando os aspectos militares, econômicos, políticos, étnicos e religiosos da região. Além dos vetores com os vizinhos próximos, os vetores Moscou-Teerã, Moscou-Nova Deli e Moscou-Ancara são considerados básicos para essa integração, assim como a valorização das relações com a França e a Alemanha, vetores Moscou-Paris e Moscou-Berlim (**FIG. 6**). Como disse Dugin (citado por Glove, 1999, p.13, tradução nossa³¹): “Este é o Eurasianismo, a política da *heartland*”.

O pensamento expansionista é o que mais se alinha à política russa, desse início de século, uma vez que podemos representar a forma como as atuais questões internas e externas são tratadas, através do conceito de vetores abertos de Dugin. O seu projeto é similar à Teoria das Pan-regiões de Haushofer e remete-nos à oposição do poder terrestre e do poder marítimo, da geopolítica clássica. As atuais ações estadunidenses na Eurásia estão de acordo com a concepção geopolítica norte-americana, mencionada por Dugin, que é coincidente com a primeira proposta de Haushofer e inviabiliza o modelo de cinturões geográficos proposto pelo geopolítico russo.

CONCLUSÃO

Apesar da grande influência sobre o poder político dos anos 90, a tentativa da escola idealista-internacionalista de reerguer a Rússia, a partir da cooperação internacional, foi combatida pelas correntes realista e expansionista revolucionária, que baseadas nas

³⁰ Texto original em espanhol.

³¹ Texto original em inglês.

teorias geopolíticas de Mackinder e Haushofer, consideravam a restauração do antigo espaço e a noção de civilização eurásiana fundamental para a segurança do Estado e, assim, encerrar os conflitos geopolíticos da era pós-soviética.

No início desse século, embora a escola ocidentalista defenda a implantação do liberalismo, a escola expansionista, representada por Alexander Dugin, ganha espaço e projeção nos governos Putin e Medvedev. Propondo uma divisão em zonas meridionais, semelhante à Teoria das Pan-regiões de Haushofer, o modelo de cinturões geográficos de Dugin pretende fortalecer o poder da Rússia dentro da Eurásia, a partir dos conceitos estabelecidos por Mackinder, procurando alternativas ao avanço do poder marítimo anglo-saxão.

Na busca de uma redefinição da identidade nacional russa, o modelo geopolítico de Dugin resgata e atualiza a concepção de Eurasianismo ao novo cenário internacional, vivido por seu Estado, combatendo a globalização mundial e o sistema internacional unipolar, liderado pelos EUA. O geopolítico russo proporciona uma nova roupagem ao histórico conflito poder terrestre-poder marítimo, da geopolítica clássica.

A Rússia está de volta ao jogo internacional e deseja reencontrar com os seus grandes momentos de glória. O retorno ao topo da hierarquia do sistema internacional seria, tal qual como Haushofer propôs à Alemanha no final da Primeira Guerra Mundial, através da geopolítica, valorizando os potenciais geográficos, econômicos e humanos do seu continente, a Eurásia. Dessa forma mantém uma continuidade no seu projeto geopolítico e, ainda que a nova ordem mundial vigente apresente novos atores e novas ameaças, procura enfrentar os seus desafios, sejam eles internos ou externos, baseado nas Teorias Clássicas da Geopolítica.

A geopolítica do início do século XXI se apresenta da mesma maneira que a geopolítica do poder do início do século XX, pelo menos para os russos. A disputa entre o poder marítimo, representado por Mahan, e o poder terrestre, representado por Mackinder e Haushofer, está retornando e, se depender da vontade dos atuais líderes da Rússia estará cada vez mais presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. **A teoria de poder marítimo de Alfred Thayer Mahan (1840-1914):** algumas reflexões conceituais. Nota de aula (Fundamentos do Pensamento Estratégico – Os Autores e suas Obras) - Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS), Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 31 mar. 2008.
2. ARIZA, Gustavo Rozales. Geopolítica y geoestrategia, liderazgo y poder. **Ensayos**. Bogotá: Universidad Militar Nueva Granada, dic. 2005. Disponível em: <http://www.umng.edu.co/www/resources/revGeopol0906.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2008.
3. BOBBIO, Norberto; BOVERO Michelangelo. (Org.). **Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Tradução de Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 717 p.
4. BOBBIT, Philip. **A guerra e a paz na história moderna: o impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações**. Tradução de Cristina Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 883 p.
5. BRZEZINSKI, Zbigniew. **The grand chessboard: american primacy and its geostrategic imperatives**. New York: Basic Books, 1997. 223 p.
6. CHAUPRADE, Aymeric. **Géopolitique: constants et changements dans l'histoire**. 2^o. ed. Paris: Ellipses, 2003. 960 p.
7. DUGIN, Alexander. The Eurasian Idea: what is eurasianism today? what forms the concept of Eurasia? seven senses of word eurasianism and evolution of notion of eurasianism. **International Eurasian Movement**. 2004. Disponível em: <http://evrazia.info/modules.php?name=News&file=article&sid=1884>>. Acesso em: 03 jun. 2008.

8. FIORI, José Luiz. A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul. **Oikos: revista de economia heterodoxa**. Rio de Janeiro, n. 8, p. 77-106, 2007.
9. FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.
10. GASPAR, Carlos. A Rússia e a segurança europeia. **Instituto Português de Relações Internacionais**. Universidade Nova Lisboa. Nação e defesa, dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=3&ida=103>>. Acesso em: 01 jun. 2008.
11. GLOVER, Charles. Dreams of the Eurasian Heartland: the reemergence of geopolitics. **Foreign Affairs**, v. 78, n. 2, p. 9-13, Mar./Apr. 1999.
12. GONÇALVES, Williams. Relações Internacionais: um balanço teórico-histórico. In. TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. (Org.). **O século sombrio: guerras e revoluções do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 27-45.
13. GORBACHEV, Mikhail. **O golpe de agosto: a verdade e as lições**. Tradução de Regina Amarante. São Paulo: Best Seller, 1991. 138 p.
14. HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2006. 519 p.
15. HUNTINGTON, Samuel Phillips. **O choque das civilizações e a recompensa da ordem mundial**. Tradução de M.H.C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 455 p.
16. MACKINDER, Halford John. El pivote geografico de la historia. In RATTENBACH, Augusto B. (Org.). **Antologia geopolítica**. Buenos Aires: Pleamar, 1975. p. 65-81.

17. MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. **Geopolítica**: introdução ao estudo. São Paulo: Siracuzza, 2006. 226 p.
18. MAHAN, Alfred Thayer. **The Influence of sea power upon history**: 1660-1783. New York: Dover, 1987. 557 p.
19. MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e modernidade**: geopolítica brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002. 156 p.
20. _____. In MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. **Geopolítica**: introdução ao estudo. São Paulo: Siracuzza, 2006. Prefácio, p. 11-13.
21. MARCU, Silvia. La geopolítica de la Rusia postsoviética: desintegración, renacimiento de una potencia y nuevas corrientes de pensamiento geopolítico. **Scripta Nova**: revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona. v. XI, n. 253, 01 dic. 2007. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-253.htm> >. Acesso em: 02 jun. 2008.
22. MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Edusp, 1999. 228 p.
23. NAZEMROAYA, Mahdi Darius. Europe and América: sharing the spoils of war. **Global Research**. 19 aug. 2007. Disponível em: < <http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=6423> >. Acesso em: 20 jul. 2008
24. RATTENBACH, Augusto B. (Org.). **Antologia geopolítica**. Buenos Aires: Pleamar, 1975. 190 p.
25. RATZEL, Friederich. Ubicacion y espacio. In RATTENBACH, Augusto B. (Org.). **Antologia geopolítica**. Buenos Aires: Pleamar, 1975. p. 15-52.
26. SANTOS, Eduardo Silvestre dos. O eurasianismo: a “nova” geopolítica russa. **Jornal defesa e relações internacionais**.

- Lisboa, 20 nov. 2004. Disponível em: <http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=97>. Acesso em: 01 jun. 2008.
27. _____. A geopolítica russa: de Pedro “O Grande” a Putin, a “guerra fria”, o eurasionismo e os recursos energéticos. **Portal da Revista Militar**. Lisboa, 22 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=267>>. Acesso em: 30 jul. 2008.
28. TEIXEIRA da SILVA, Francisco Carlos. **Da URSS a Federação Russa**. Nota de aula (História do Tempo Presente), MBA em Gestão Empresarial, COPPEAD/UFRJ - Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS), Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 03 abr. 2008.
29. TOSTA, Otavio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 103 p.
30. TRENIN, Dmitri. Russia leaves the West. **Foreign Affairs**, v. 85, n. 4, p. 87-96, July/Aug. 2006.
31. VESENTINI, José William. **Novas geopolíticas**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 125 p.
32. YASMANN, Victor. The rise of the eurasians. **The Eurasian Politician**, n.4, ago. 2001. Disponível em: <<http://users.jyu.fi/~aphamala/pe/issue4/main.htm>>. Acesso em: 03 jun. 2008.